

MONOGRAFIAS EX OFFICINA HISPANA II

AS PRODUÇÕES CERÂMICAS DE IMITAÇÃO NA HISPANIA

R. MORAIS, A. FERNÁNDEZ e M. J. SOUSA

Editores Científicos



2014

TOMO I

SÉRGIO CARNEIRO¹
RUI MIGUEL GOMES LOPES²

Terra Sigillata hispânica tardia dos níveis selados das termas medicinais romanas de Chaves

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos dar a conhecer os novos dados sobre a TSHT proveniente das unidades estratigráficas seladas das termas medicinais romanas de Chaves (*Aquae Flaviae*). O estudo apresentado faz parte do projecto de estudo e valorização do património arqueológico do largo do Arrabalde, que inclui outros estudos parcelares. Todos os materiais aqui apresentados provêm de unidades estratigráficas seladas e as cronologias são corroboradas pelas dos restantes materiais, em fase de estudo e publicação.

Pretende-se contribuir para a afinação cronológica da produção e difusão de TSHT, bem como datar os contextos de onde o espólio é proveniente, contribuindo assim também para o estudo da evolução urbanística da cidade, e para um conhecimento mais aprofundado da economia e comércio da cidade de *Aquae Flaviae* durante o Baixo Império.

AS TERMAS MEDICINAIS ROMANAS DE CHAVES

Em 2006, na sequência de um projecto de construção de um parque de estacionamento subterrâneo no Largo do Arrabalde em Chaves, cujas sondagens arqueológicas prévias haviam detectado a presença de estruturas monumentais de época romana (Silva *et al.*, 2007), deu-se início à escavação arqueológica do Balneário termal romano de *Aquae Flaviae*, com vista ao seu estudo e valorização (Carneiro, 2013).

Os resultados foram de tal forma surpreendentes, que o complexo termal foi classificado como Monumento Nacional em tempo recorde, e antes até de terminadas as escavações arqueológicas³.

Trata-se, de facto, de um edifício notável pela sua monumentalidade e excelente estado de preservação, comparáveis com os dos grandes complexos termas medicinais como Bath (Cunliffe, 1969), Badenweiler (Mylius, 1936) ou Hammam Salehine (Gsell, 1901, 236).

1. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Chaves. sergiocarneiro@yahoo.com

2. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Chaves. rui.lobes@cm-chaves.pt

3. Decreto n.º 31-H/2012, DR, 1.ª série, n.º 252 (suplemento), de 31-12-2012; Decreto n.º 31-H/2012, DR, 1.ª série, n.º 252 (suplemento), de 31-12-2012, por proposta datada de 16.10.2008.

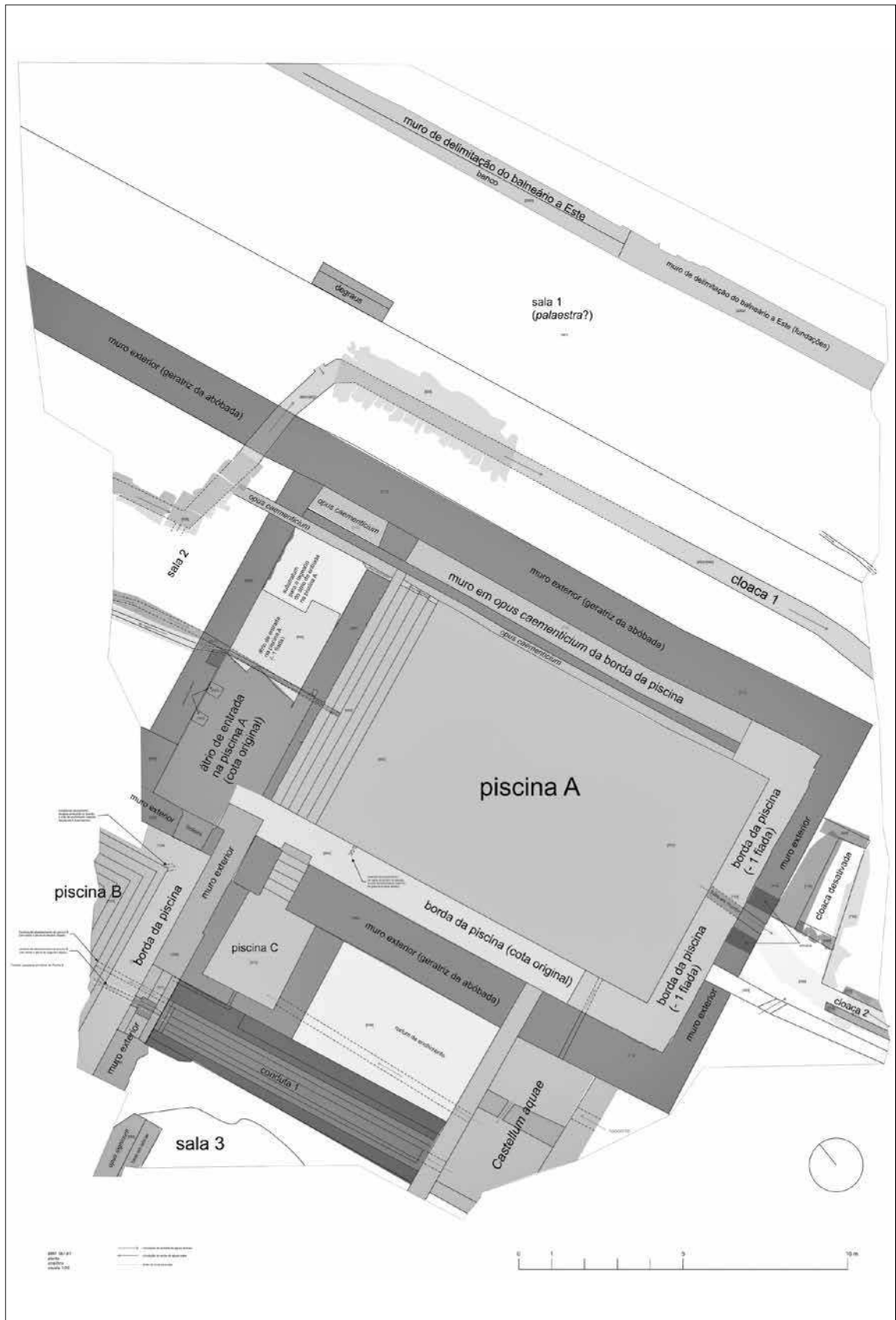


FIGURA 1. Estruturas remanescentes das termas medicinais romanas de Chaves.

LOCALIZAÇÃO

O monumento localiza-se no Largo do Arrabalde, em Chaves, uma ampla praça entre o perímetro amuralhado medieval e o início da ponte romana de Chaves, que foi atravessado, até à década de 70 do séc. XIX, pelo meio baluarte da Vedoria, parte da praça-forte setecentista.

ESTRATIGRAFIA

Neste Largo fica situado o Palácio de Justiça, construído entre 1952 e 1956, em frente ao qual havia uma plataforma pavimentada com calçada de cubos calcários (calçada à portuguesa). Estes aterros contemporâneos foram removidos mecanicamente com acompanhamento arqueológico.

Após o desaterro mecânico, verificou-se que a muralha setecentista se encontrava ainda bem conservada, dividindo a escavação em duas áreas com estratigrafias totalmente distintas, uma para o exterior da muralha, onde estava situado o fosso da mesma, que tinha sido aterrado em 1870; outra, no interior da muralha, onde se tinha conservado a estratigrafia pós romana.

Começou por se escavar manualmente a parte da área situada no interior da muralha, onde registámos uma longa sequência estratigráfica contemporânea, moderna e medieval.

Sob este conjunto de unidades estratigráficas encontrava-se uma série de depósitos aluviais de areias e limos, em camadas muito finas correspondentes às cheias do rio Tâmega, indicativas de um período de abandono do local, sob os quais detectámos as valas de violação do balneário termal romano, abertas nas camadas de derrube da cobertura deste. Estas valas são de diferentes cronologias e comprovam que o edifício foi alvo de pilhagem entre a sua derrocada em finais do séc. IV/inícios do V e o séc. XII.

Após a escavação da área intra-muros até ao interface de destruição das estruturas romanas, foi removido mecanicamente o aterro contemporâneo do fosso e escavados manualmente os depósitos setecentistas coevos à utilização deste, sob os quais se encontravam, intactos, os níveis de derrube da cobertura da piscina A e o pavimento

da sala 1, bem como as fundações dos muros e as cloacas 1 e 2.

Após a escavação, também deste lado, até ao interface de destruição do balneário romano, procedemos ao registo minucioso do derrube organizado da abóbada de canhão em *opus latericium* que apresentava grandes tramos ainda em conexão e parte do revestimento em *opus signinum*, denunciando uma derrocada súbita, num movimento único e abrupto. Esta interpretação viria a ser confirmada pela presença de esqueletos humanos sob o derrube, vítimas do colapso do edifício. Após a derrocada, a água continuou a correr por entre os escombros, decompondo os tecidos moles dos corpos e afastando os ossos, que não foram encontrados em conexão anatómica. Ao se entupirem as condutas de escoamento das águas, deu-se a colmatação com uma lama negra, muito fina e compacta, que preservou em ambiente húmido anaeróbico a matéria orgânica restante e os metais, em condições de conservação excepcionais.

Removidos os derrubes da cobertura e as camadas de argamassas e areias de construção que lhe estavam associadas, escavámos as lamas subjacentes, que foram integralmente crivadas e de onde se exumou um notável conjunto artefactual selado que será objecto de publicação aparte.

Caída no fundo da piscina A, foi encontrada uma cabeça de mármore representando uma jovem com o penteado feminino da dinastia dos Severos, datável da primeira metade do séc. III, e uma pequena ara anepígrafa, também em mármore. Estas peças poderiam fazer parte da decoração inicial da piscina A, o que nos daria uma data para a sua construção. Mas esse dado será confirmado ou infirmado pelas datações de radiocarbono das madeiras de cofragem do muro em *opus caementicium* que imbrica com a parede Sul e do muro de divisão do *castellum aquae*.

METODOLOGIA

Esta amostra é composta por 87 fragmentos de TSHT, dos quais 55% são produções do Ebro e 45% do Douro. Foi feita uma análise macroscópica de todos os exemplares, para a qual foi neces-

sário criar vários grupos de pastas e vernizes de modo a facilitar o estudo e o manuseamento das peças. Para as produções do Ebro temos as seguintes **pastas**: (**e1**) é medianamente dura, por vezes branda de cor alaranjada, por vezes ligeiramente rosada, de textura fina com abundantes vacúolos circulares com enps de pequena dimensão e fractura irregular; (**e2**) é dura, fractura rectilínea de textura fina com raros enps, destacando-se pequenas calcites, poucos vacúolos sendo circulares de cor salmão; (**e3**) é dura de cor laranja, fina muito depurada com raras micas, vacúolos irregulares de fractura rectilínea com um som metálico; (**e4**) é medianamente dura, fina bem depurada de fractura rectilínea com abundantes vacúolos alongados com algumas micas, de cor alaranjada clara, por vezes castanha acinzentada (ao longo da peça variam as tonalidades), quando alterada pelo contacto com a água termal; (**e5**) é dura, bastante depurada, de fractura rectilínea, com raros enps e vacúolos pequenos e circulares. A pasta tem o núcleo cinza por ter sido alterada em contanto com a água termal; (**e6**) é medianamente dura, fina, bem depurada, de fractura irregular, com abundantes vacúolos de forma irregular, de cor rosada, algo desmaiada. **Vernizes**: (**e1**) encontra-se mal conservado, de cor laranja, ligeiramente acastanhada; (**e2**) é de cor alaranjada escura, de boa qualidade, moderadamente brilhante de média espessura; (**e3**) é de cor vermelha alaranjada com manchas escuras brilhantes (aspecto metálico); (**e4**) está mal conservado e alterado,

quase inexistente, de cor castanha alaranjada e opaco. (**e5**) é de cor rosada desmaiada e encontra-se por norma mal conservado; (**e6**) é opaco, de cor branca acinzentada, encontra-se alterado e descolorado.

Para as produções do Douro temos, **pastas**: (**d1**) é compacta, com vacúolos de forma circular, com enps de grão fino de calcite, dura de fractura irregular de cor alaranjada; (**d2**) é ligeiramente esponjosa, com abundantes vacúolos de forma circular com enps de pequena e média dimensão de calcite em grande destaque, dura de fractura rectilínea, de cor salmão escura; (**d3**) é branda, de cor rosa alaranjada desmaiada, de textura média, com poucos vacúolos irregulares, com enps de pequena dimensão de calcite, pasta muito alterada e em estado de decomposição. **Vernizes**: (**d1**) é fino, opaco, de boa qualidade, de cor alaranjada; (**d2**) é fino, opaco, mal conservado, de cor laranja desmaiada; (**d3**) é de cor castanha clara, pouco brilhante, homogéneo muito alterado.

A TSHT DO BALNEÁRIO TERMAL ROMANO

Durante muito tempo existiram dúvidas sobre a produção de *sigillata* hispânica no baixo-império, sabe-se hoje que a partir de meados do séc. III houve uma continuação/reorganização das oficinas de terra *sigillata* alto imperiais do vale do Ebro (Mayet, 1984). É neste período que se dá uma

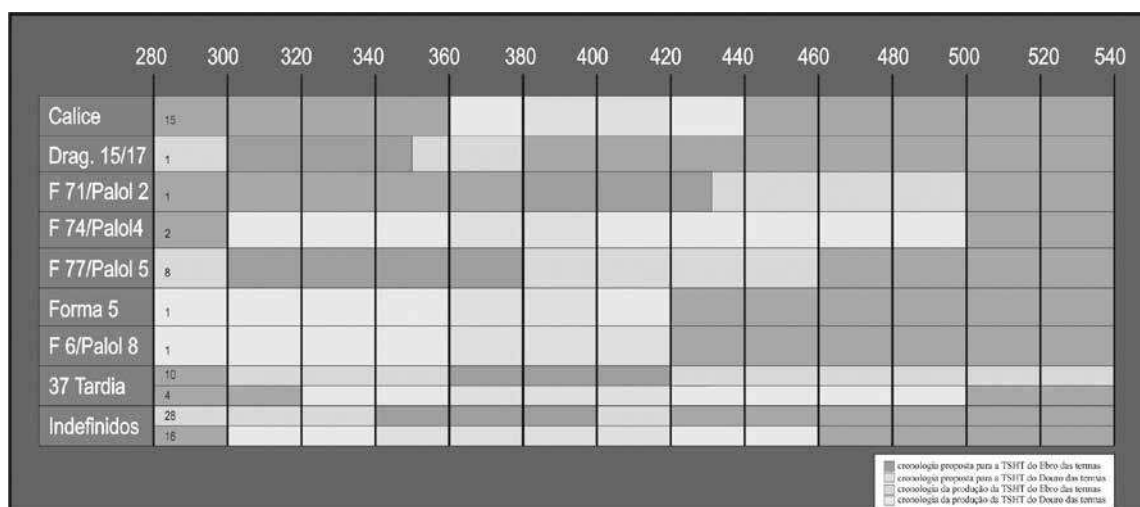


FIGURA 2. Proposta de cronologia para a TSHT das termas medicinais romanas de Chaves.

evolução tipológica e dos motivos decorativos que, a partir do séc. IV, é influenciada pelas oficinas do norte de África.

É também durante o baixo-império que assistimos à afirmação de outro centro produtor, o vale do Douro, que terá surgido como em resultado do ajustamento dos produtos hispânicos às novas condições de mercado ditadas pelas novas produções mediterrânicas, especialmente as oriundas do Norte de África e Gália (Juan Tovar, 1997, 550). Cronologicamente, terão estado em actividade entre os séc. III e V.

Das unidades estratigráficas aqui apresentadas, foram recolhidos 88 fragmentos dos quais 55% são das oficinas do vale do Ebro e 45% do vale do Douro (Fig. 2). Nestes estratos constatamos ainda a escassez das *sigillatas* do norte de África das quais apenas recolhemos 5 fragmentos. Esta ocorrência deve-se sobretudo à proximidade das oficinas do Douro, à influência das *sigillatas* do vale do Ebro desde o Alto Império e à via XVII que era o principal meio de distribuição destas produções.

AS PRODUÇÕES DO EBRO

Do vale do Ebro temos 48 fragmentos distribuídos por 35 peças distintas das quais foram identificadas 4 formas, 2 decoradas e 2 lisas (Fig. 2 e Fig. 3).

Das produções de tradição Alto Imperial apenas temos uma peça: um fundo de prato da forma **Drag. 15/17** na sua versão mais tardia. Caracteriza-se pelas paredes lisas e abertas com meia cana na parte interior e fundo de pé baixo em anel. Terá sido produzida entre o final séc. III e o início do séc. IV, ainda que tenha sido recolhida em contexto de finais do séc. IV inícios do séc. V, no interior da piscina A. Em comparação com outros locais é por norma uma forma quase ausente nos contextos dos sécs. IV/V.

As outras três formas integram-se nas tipologias exclusivas das produções hispânicas, das quais apenas uma pertence ao grupo das produções lisas Forma 71/Palol 2 e as restantes às produções decoradas (Forma 77/Palol 5 e Forma 37 Tardia).

Como único exemplar liso das produções típicas hispânicas do vale do Ebro, temos a **Forma 71/Palol 2**. É um fragmento de bordo com 260 mm, ligeiramente vertical, liso, com espessamento (tipo apêndice) na face externa entre o bordo e a parede. Esta forma surge inicialmente com fortes influências dos pratos da *sigillata* africana D. Tovar define 6 grupos que evoluem muito ao longo da sua produção, desde os meados do séc. IV até ao séc. VI (Juan Tovar, 2000, 55-56). Paz Peralta data esta forma através do “nível de acumulación” de Tarazona, situando-a entre o último quartel do séc. IV e o final do séc. V (Paz Peralta, 1991, 160). Esta peça foi recolhida no interior da conduta periférica de escoamento das águas do balneário, que terá deixado de funcionar após o colapso da cobertura das termas, algures entre o final do séc. IV e os inícios do séc. V. Esta variante (2) surge em poucas quantidades nos locais com ocupação no séc. IV, como em Conímbriga, Fronteira, Quintanilha de la Cueva (Palencia), Tarazona (Toledo). É de salientar que esta peça é idêntica à encontrada em Cabezón de Pisuerga (Valladolid) (Juan Tovar, 2000, 56). Em Braga está presente apenas nas produções do Douro (Morais, 2010, 438).

Em relação às formas decoradas do Ebro temos um prato pertencente à forma 77/Palol 5 e seis peças à forma 37 Tardia. Da **Forma 77** temos 8 fragmentos de uma só peça com 320 mm de diâmetro, com a pasta e o verniz bastante alterado devido ao contacto com água termal, recolhida debaixo do derrube da cobertura no interior da piscina A. Esta foi inicialmente classificada por Mezquiriz como hispânica 6 (Mezquiriz, 1961), na classificação de Palol é designada de nº5 (Palol-Cortes, 1974, 127-128), mais tarde Mezquiriz vem classificar esta com outra numeração o nº77 (1985, tav. XL, 3-6), e por fim Paz Peralta torna a designar esta forma por 82, subdividindo-a em 82A, 82B e 82C (Paz Peralta, 1991, 161). Trata-se de um prato de grande dimensão, pouco profundo com um bordo algo recto esvazado de lábio simples com uma ligeira carena entre o bordo e a parede. Nalguns casos estas peças possuem decoração no bordo, quer na face interna quer externa, como é o caso das peças da *villa* de la Serna (Palencia) (Paz Peralta, 1991, 87) e da peça aqui identificada, que possui na parte externa da parede vários traços verticais

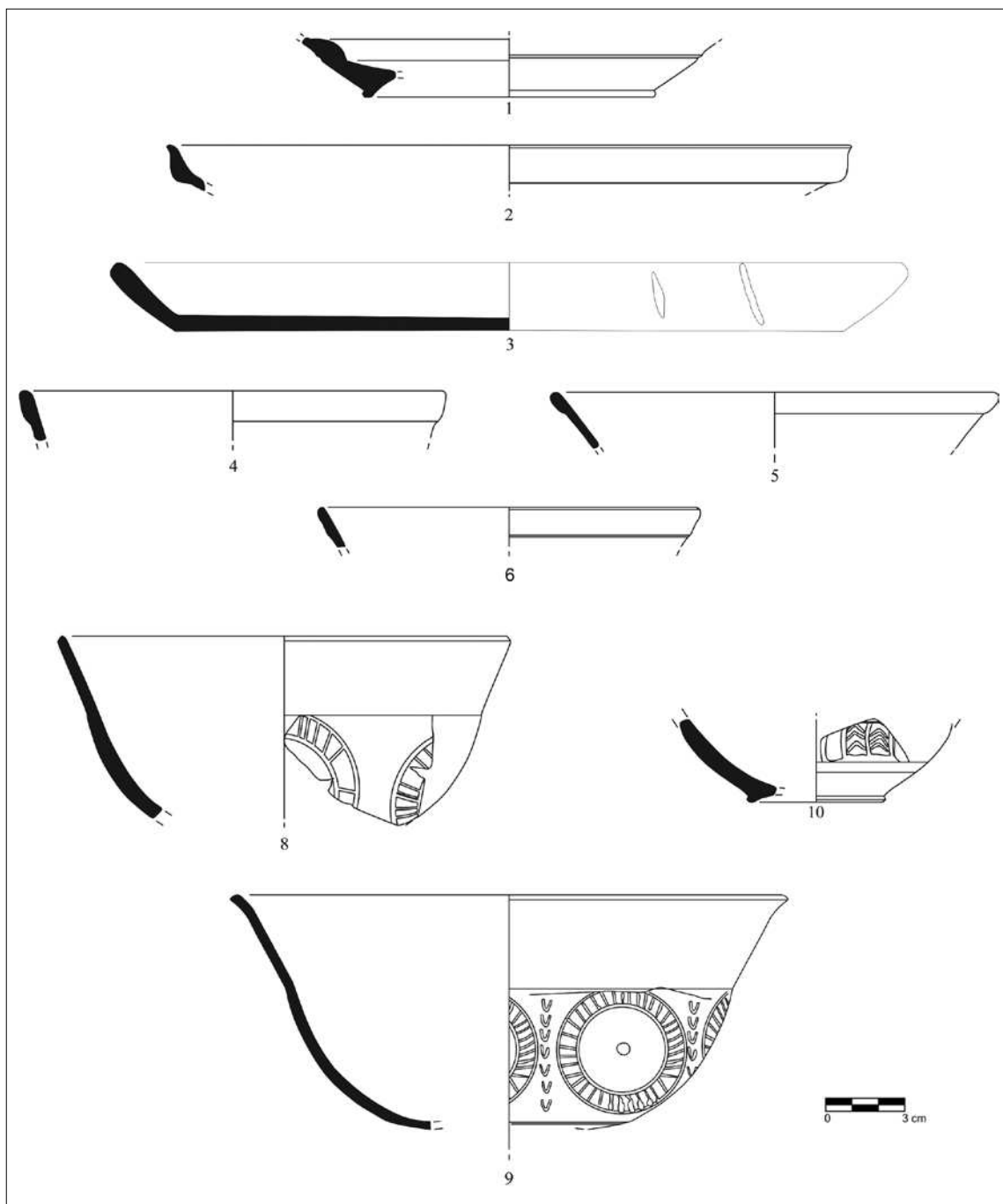


FIGURA 3. TSHT do vale do Ebro: Drag. 15/17 (1), formas 71 (2), 77 (3) e 37 tardia (4-10).

profundos criando uma decoração sequencial. Paz Peralta propõe uma cronologia de produção para esta forma entre o final do séc. III e o séc. V (Paz Peralta, 1991, 87), no entanto desconhece a recolha desta em contextos do séc. V, outros historiadores defendem a produção desta forma em várias fases, dos quais, Juan Tovar que a associa a contextos do primeiro e segundo quartel do séc. IV, por sua vez,

com base na escavação do mercado de Toledo, surge um terceira fase datada do terceiro quartel do séc. IV (Carrobbles-Rodríguez, 1988, 129).

A análise formal deste prato, em comparação com outros estudos publicados leva-nos a uma cronologia de produção, entre o início e os meados do séc. IV, uma vez que a peça em estudo apresenta características da primeira e segunda

fase da produção (Juan Tovar, 2000, 68-71), no entanto ela estava depositada em níveis datáveis do último quartel do séc. IV a inícios do séc. V. Por norma surge em quantidades consideráveis nos locais romanizados na zona envolvente ao vale do Ebro, Quintanilha de la Cueva (Palencia), Villa de La Serna (Palencia), Toledo, Herrera de Pisuerga, Valladolid, está presente ainda na província de Leon em vários locais, em Zamora e, já dentro do território português, em Braga e Conímbriga. Considerando melhor a distribuição desta forma parece seguir o trajecto da via romana XVII, que seria a via de distribuição privilegiada destas peças.

A **forma 37 tardia** é sem dúvida a forma mais abundante da *sigillata* hispânica tardia, surge por norma em quantidades consideráveis em todos os locais com ocupação durante o baixo-império, como é o caso das termas romanas de Chaves, onde temos 14 fragmentos dos quais 10 foram produzidos no vale do Ebro e os restantes no Douro. O surgimento desta taça é um ponto de discordância entre os diversos autores, por um lado temos o primeiro estudo realizado em 1961 por Mezquíriz onde é classificada como “forma 37t”, sendo definida como uma evolução dos protótipos alto imperiais, por outro, Françoise Mayet discorda desta interpretação, referindo que esta em nada tem a ver como as formas alto imperiais, afirmando assim uma quebra com os modelos anteriores (Drag. 29 e 37), e ainda o surgimento de uma nova forma, a 37t (Mayet, 1984, 257). A mesma opinião é partilhada por Palol (Palol, Cortes, 1974, 139) e López Rodríguez (1985, 32), que acreditam numa ruptura total com os modelos tradicionais dos centros oleiro hispânico. Opinião distinta tem Juan Tovar que retoma a ideia de Mézquiriz, e defende a evolução das formas tradicionais hispânicas, acrescentando dados fundamentados em novas escavações como Clúnia, Arcana e La Serna, onde recolheu exemplares com forma tipicamente tardia, em níveis do séc. III, mas com decoração típica do séc. II, o que vem comprovar a continuidade e evolução desta forma alto imperial, tal como outras, dando como exemplo a Drag. 15/17 ou Drag. 24/25, que evoluíram lentamente para Forma 6 e Palol 11. Esta forma tem um período de evolução entre os

finais do séc. III e os meados do IV, até às plenas 37 tardias (Juan Tovar, 2000, 87).

Das peças identificadas das oficinas do vale do Ebro, apenas 3 possuem decoração, todos do 2º estilo, que se caracteriza por grandes círculos ou semi-círculos tipo compasso com muitas variantes. Exemplo disto é a peça nº 8 que tem uma decoração com base em círculos preenchidos por palitos verticais ou por metópas (como é o caso da peça nº 10, Fig. 3). A maioria dos fragmentos recolhidos são bordos com um diâmetro que varia entre os 145 mm e os 220 mm, existindo apenas um fragmento de fundo cujo diâmetro é 50 mm. Associados ao derrube da cobertura da piscina temos 3 fragmentos, 2 bordos e 1 fundo. Os 2 bordos não têm qualquer decoração visível e possuem um diâmetro de 145 mm e 210 mm, em comum têm as pastas típicas do final do séc. IV e o facto de não conservarem o verniz. O fundo é de pé raso com as paredes decoradas (peça nº10), com grandes círculos metópados, decoração típica das produções do segundo estilo, datadas da primeira metade do séc. V (Paz Peralta, 2008, 507). Temos de salvaguardar a possibilidade de ter de recuar a cronologia desta forma, uma vez que esta surge num contexto datável entre o final do séc. IV e o início do séc V. Nesta linha de raciocínio surge Juan Tovar que sugere o final do 3º quartel do séc. IV para o aparecimento da decoração dos grandes círculos, datado pela escavação do “Mercado de Abastos de Toledo” (Juan Tovar, 2000, 89-90), tal como no contexto apresentado. Outro local também selado é a cloaca junto à saída da piscina A, onde foram recolhidos 7 fragmentos de 37 tardia apesar de estes estarem distribuídos por três peças, trata-se de três bordos com um diâmetro de 170 mm e 210 mm, com pastas e vernizes distintas. Deste pequeno grupo apenas a peça nº 4 não possui decoração, uma vez que o fragmento restringe-se apenas à parte lisa. Os outros dois (peça nº8 e 9) caracterizam-se pelo bordo ligeiramente extrovertido com pança hemisférica e decorada com círculos concêntricos com palitos, sendo que uma delas tem ainda uma linha de metópas verticais largas (peça nº9), decoração que se insere no segundo estilo, e terão sido produzidas entre o final do séc. IV e inícios do VI (Paz Peralta, 2008, 507). É de salientar,

que estas duas peças estão completamente alteradas devido ao facto de estarem inseridas num contexto húmido, têm um aspecto peculiar, com destaque para a peça nº 9, onde o verniz se torna esbranquiçado e a pasta cinza (Fig. 6).

AS PRODUÇÕES DO DOURO

As peças do vale do Douro surgem em menor quantidade, representando 45% da amostra, no entanto são mais variadas, existem também formas de tradição alto imperial (His. 5), tal como nas produções do Ebro, bem como formas tipicamente hispânicas, tanto de pasta laranja como cinzenta, e ainda uma forma não integrável nas tipologias conhecidas: um cálice. No conjunto global de 39 fragmentos identificámos 6 formas das quais 3 lisas e 3 decoradas.

O **cálice**, uma forma nova, tem o corpo hemisférico de bordo simples; a base com pé em campânula, uma pequena linha a meio e aplicado directamente sob a parede da base. A pasta é de excelente qualidade, ainda que o verniz esteja ligeiramente desmaiado devido ao contexto húmido em que se encontrava depositado. Esta peça foi recolhida na conduta de escoamento das águas da Piscina A, debaixo de um derrube de *tegulae*, datável do final do séc. IV início do séc. V. A escassez de cálices dificultou-nos a atribuição de uma tipologia quer imediata quer aproximada, apenas conseguimos identificar alguns paralelos aproximados através da TSHT cinzenta, como é o caso dos “*Pés realizados troncocónicos de Elviña (Luengo e Bello) e Astorga (Luengo)*”, e dos cálices nº7 e 8 de Astorga classificados por Paz Peralta aos quais atribuiu a forma 22 (Paz Peralta, 2013, 234-238, fig. 16). Apesar de existirem algumas semelhanças com o corpo hemisférico das duas últimas, o bordo do cálice de Astorga nº7, é ligeiramente extrovertido e o arranque para o pé é literalmente distinto, mais aproximado ao cálice da forma Palol 88, (Paz Peralta, 2010, 502-529) do que a peça aqui apresentada, que tem um arranque para o pé bem mais fino (Fig. 4 e 6). O pé tem uma forma mais campanular do que as peças até agora conhecidas, tais como o conjunto cerâmico de El Castilhon,

onde os cálices têm um corpo mais esférico (Sastre *et al.*, no prelo).

As formas de tradição alto imperial estão representadas apenas pela forma **His. 5**, através de um fragmento. Esta forma tardia pouco se altera em relação ao seu protótipo alto imperial, tem como característica as paredes troncocónicas ou semi-esféricas com o bordo em aba geralmente decorado com guilhoché, por vezes algo grosseiro, tal como acontece na peça nº 13 (Fig. 4) que tem uma pasta compacta de cor alaranjada de muito boa qualidade e foi produzida nos meados do séc. IV. Por vezes esta forma é associada à forma 6 e 83, por poder pertencer ao mesmo serviço, como sugerem alguns autores (Paz Peralta, 1991, 73). Provem de uma zona de aterro ocorrida numa das últimas remodelações do complexo termal durante do 3º quartel do séc. IV. Está presente em grande parte dos sítios com ocupação Baixo imperial, surge em Lugo, A coruná, (Perez *et al.*, 2013, 130-131), no acampamento de Petavonium (Zamora) (Carretero Vaquero, 2000, 436 e 437), na villa romana de la Olmeda, em Zaragoza, em Mérida (Álvarez Martínez, Nogales Basarrate, 2003, 340), no território nacional surge a norte em Terronha de Pinhovelo (Macedo de Cavaleiros) (Silva, 2007) e Braga (Morais, 2010, 438), no centro em Conímbriga, (Delgado, 1975, 319, nº13-17), e Nespereira (Diogo, 1982, 270) e no sul em Santarém (Viegas, 2003, 197).

Em relação às formas tipicamente hispânicas foi identificada a Forma 74, a Forma 6, a Forma 77 e a forma 37. A **forma 74/Palol 4** é um prato de grande dimensão com uma aba de maior ou menor comprimento, plana ou ligeiramente encurvada, com as paredes recurvadas e o fundo plano de pé baixo. Foi identificada uma peça, que terá sido produzida na região do Douro entre o séc. IV e V, mas terá tido o seu esplendor de produção no terceiro quartel do séc. IV (Juan Tovar, 2000, 60 e 68). A peça nº 12 tem 290 mm de largura uma pasta branda, de cor rosa alaranjada desmaiada, bastante alterada em estado de decomposição, de textura média, com poucos vacúolos, e um verniz de cor castanho alaranjado claro, pouco brilhante, também muito alterado. Foi recolhida no mesmo contexto estratigráfico que a anterior. É talvez o prato mais abundante no baixo império, surge em

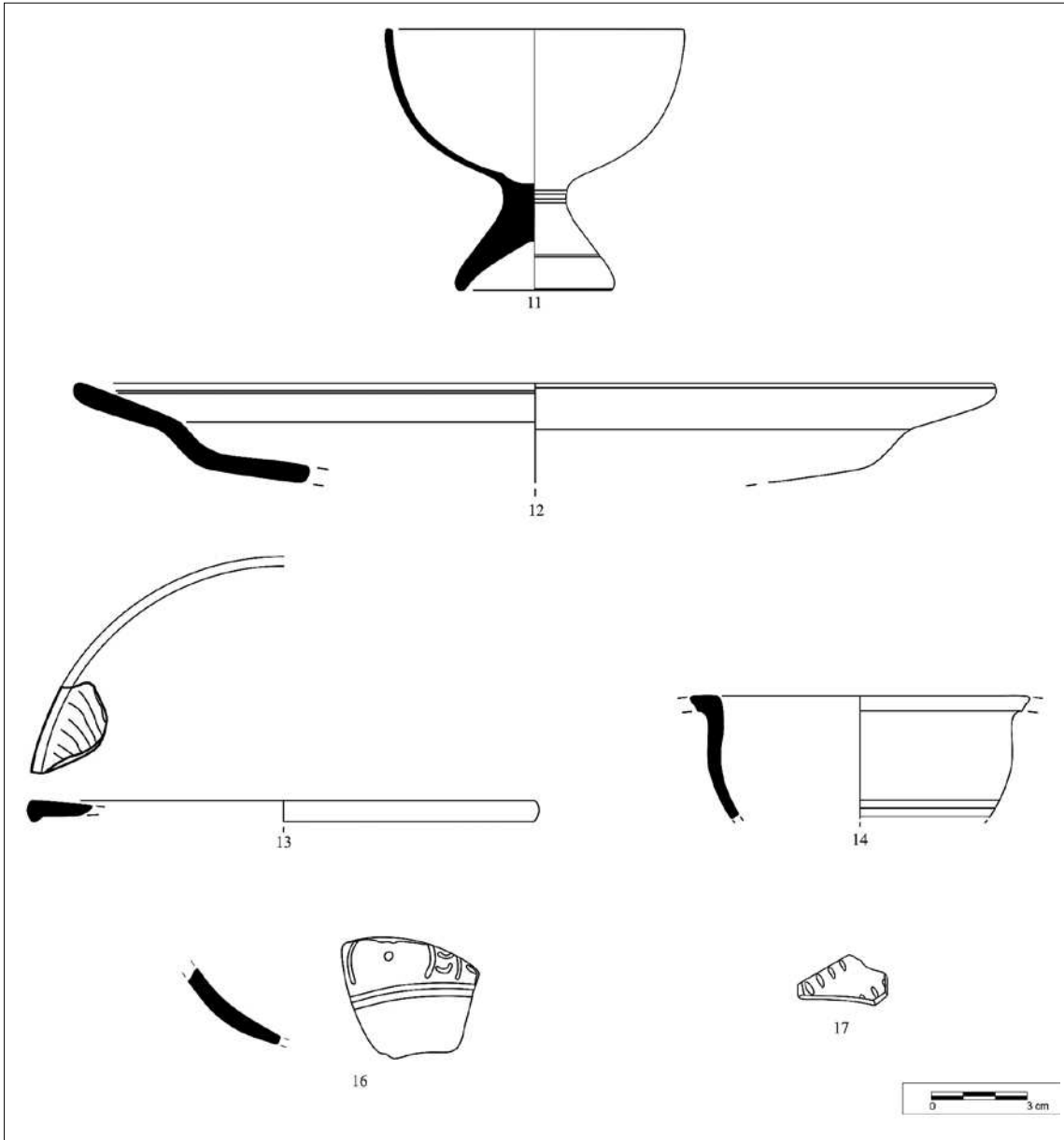


FIGURA 4. TSHT do vale do Douro: Calice (11), forma 74 (12), Hisp. 5 (13), formas 6 (14) e 37 tardia (15-18).

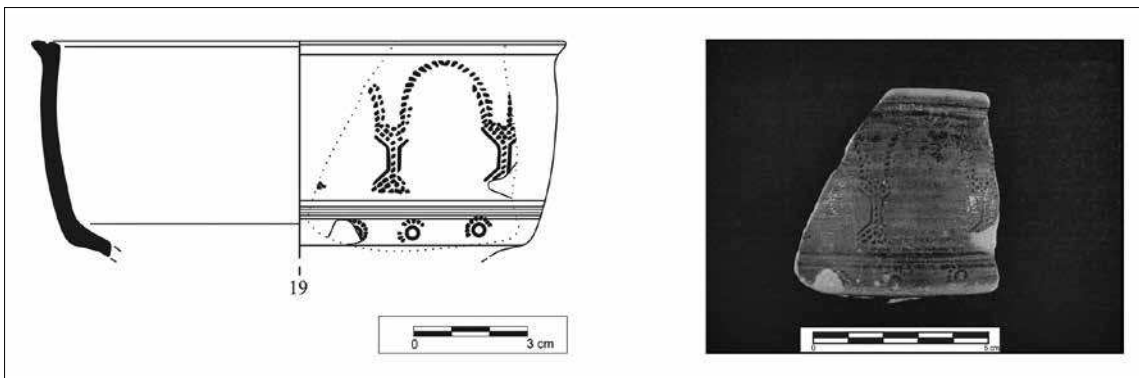


FIGURA 5. TSHT cinzenta: Rigoir 15a (19), peça idêntica à de Villanueva de Azoague (Zamora).

Braga, nas termas na 2ª metade do séc. IV e em níveis posteriores ao séc. V, tal como na ínsula das Carvalheiras, Zamora, Conímbriga e Terronha de Pinhovelo (Macedo de Cavaleiros).

Outra forma de fabrico hispânico é a **Forma 6/Palol 8**, esta tigela tem um bordo em aba recto ou ligeiramente descaído, que pode ser liso ou decorado, com a parede tendencialmente hemisférica. É designada por Palol 8 (Palol-Cortes, 1974, 130-132), ou Hispânica 6 (Mezquíriz, 1983, 130). A nível cronológico existem muitas dúvidas, uma vez que é uma forma com pouca difusão, no entanto está associada a contextos datáveis dos finais do séc. III / inícios do V (Juan Tovar, 1992, 137). Aqui surge com um fragmento de bordo recto, com arranque de pança tendencialmente hemisférica, diâmetro interno de 90mm, pasta compacta, dura, com vacúolos de forma circular, de fractura irregular de cor alaranjada. O verniz é de cor laranja tendendo para castanha clara, com um brilho moderado. Esta peça surge associada a um derrube [462] no interior da conduta de escoamento das águas da piscina A, datável do último quartel do séc. IV a início do séc. V. Está presente em Quintanilha de la Cueva (Palencia), em Braga e em Conímbriga.

Da forma 37 tardia do Douro apenas temos 4 fragmentos. Neste conjunto continuam a predominar as taças de dimensão pequena tal como acontece nas produções do vale do Ebro. Os quatro fragmentos identificados localizam-se em dois locais selados distintos, um na piscina A e três no interior da conduta de escoamento das águas da piscina A. Dentro da piscina temos a peça nº

18, trata-se de um fragmento de bordo liso ligeiramente extrovertido e encurvado sem qualquer tipo de decoração, com um tipo de pasta típica das produções do final do séc. IV. É na saída da piscina A que encontramos algumas das peças mais interessantes, que nos permitiram aprofundar o conhecimento deste espaço com destaque para as peças 15, 16 e 17. Duas delas têm pasta do tipo 1. As decorações são do 1º e 2º estilos. Uma das peças tem a parede decorada por círculos ondulados e pequenas rosetas, datável pela pasta do tipo 1 de final do séc. IV, as restantes são do 2º estilo, uma constituída por guilhoché com pasta também do tipo 1, com uma cronologia possivelmente entre (380-390) (Peça semelhante apresentada por Paz Peralta, 2008, 513, fig. 3 peça 4.21). A última, nº16, tem uma decoração composta por semi-círculos concêntricos, tipo compasso com meias luas a preencher o espaço entre os dois semi-círculos, com uma pasta do tipo 3. A decoração leva-nos a situar a peça cronologicamente entre o final do séc. IV (380) e os meados do séc. V.

A TSHT CINZENTA

A produção de *sigillata* tardia cinzenta foi durante muito tempo associada às cerâmicas paleocristãs, no entanto, através de estudos recentes chegou-se à conclusão que seriam contemporâneas das sigillatas laranjas.

Recolhemos um exemplar de TSHT cinzenta, juntamente com outras laranjas na conduta de



FIGURA 6. TSHT, lado esquerdo Cálice (11) e lado direito Forma 37 tardia (9).

escoamento das águas da piscina A, trata-se de um bordo com 140 mm de diâmetro, da forma Rigoir 15a, semelhante ao apresentado por López Rodríguez (1987, 144-149, 10), com bordo ligeiramente extrovertido, encaixe para uma tampa, paredes troncocónicas decoradas e uma carena. A pasta é cinza clara de fractura irregular, com verniz cinzento em toda a peça. Os motivos decorativos são compostos por bandas: na parte superior tem uma série de arcadas sob colunas em retícula, junto à carena temos uma banda composta por elementos circulares, (tipo círculos concêntricos segmentados), sobrepondo uma das linhas. Na decoração da parte superior da peça, a coluna é composta por base e capitel, contornada por linhas e preenchida a reticulado e as arcadas constituídas por dois meios círculos paralelos, segmentados (Fig. 5) Estas são contemporâneas das *sigillatas* alaranjadas, e terão sido produzidas localmente e regionalmente no vale central do Douro a partir da segunda metade do séc. IV, possivelmente em Villanueva de Azoague (Zamora), local onde surgem em grandes quantidades (Rodríguez, 1987, 124-159). Têm como área de influência, em Espanha a província de Léon, Palencia e Zamora, em Portugal surge em Braga e em Conímbriga (Paz Peralta, 2013, 218).

CRONOLOGIA

No que diz respeito às cronologias das peças aqui apresentadas, não parecem, em parte ir em contradição com outros sítios mencionados. Ainda que possamos afinar melhor a cronologia de uma peça ou outra, na qual haveria ainda dúvidas, como é o caso dos motivos da 37 tardia. No entanto a estratigrafia preservada não nos deixa dúvidas quanto ao período cronológico em que estas peças circularam, que terá sido entre a segunda metade do séc. IV e inícios do séc. V, sendo que os materiais datáveis do 3º quartel do séc. IV estão na maioria associados a remodelações da entrada da cloaca 2, enquanto os restantes estão inseridos no contexto da utilização do espaço, no período anterior ao colapso da cobertura das termas, que terá ocorrido na transição do séc. IV para o séc. V.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como noutros sítios da região, nas Termas Mediciniais Romanas de Chaves, constatamos que a *sigillata* hispânica tardia, dos vales do Douro e Ebro, recebe uma forte herança das produções alto imperiais, mas surgem também novas formas com diversas influências, quer da terra *sigillata* africana, quer de outras produções cerâmicas locais e regionais.

Este é um estudo preliminar, uma vez que o sítio se encontra ainda em escavação e que numa área semelhante à já escavada, o que trará, certamente, novos materiais que aumentarão em muito o volume das cerâmicas e a informação obtida.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990): *Les villas romaines de São Cucufate* (Portugal). Paris: De Boccard. Arte Romano.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M.; NOGALES BASARRATE, T. (2003): *Forum Coloniae Augustae Emeritae. "Templo de Diana"*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991): *Les sigillées*. Fouilles de Belo. VI. Pris: Publ. De la Casa de Velásquez. 14.
- CARNEIRO, S. (2013): "As Termas Mediciniais Romanas de Chaves" in *Arqueologia em Portugal 150 Anos*, Lisboa.
- CARNEIRO, A; SEPÚLVEDA, E. (2004): "Terra sigillata hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, pp. 435-458.
- CARROBLES, J.; RODRÍGUEZ, S. (1988): *Memoria de las excavaciones de urgencia del solar del Nuevo Mercado de Abastos (Polígono Industrial, Toledo): introducción al estudio de la ciudad de Toledo en el siglo IV d.C., Toledo*.
- CUNLIFFE, B. (1969): *Roman Bath* (XXIV). Oxford: Oxford University Press.
- DELGADO, M. (1975): "Une sigillée tardive régionale". In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R., *Fouilles de Conímbriga*. Paris: Diffusion E. de Boccard. IV, pp. 317-335.
- HAYES, J. W. (1972): *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.
- HORN, H. G. (1989): "Si per me misit, nil nisi vota feret, Ein Römischer Spielturn aus Froitzheim" *Bonner Jahrbücher*, Bd. 189, pp. 139-160.

- GSELL, S. (1901): *Les Monuments antiques de l'Algérie* (I). Paris.
- JEREZ LINDE, J. M. (2003): «*Terra sigillata hispánica tardia*». In ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M.; NOGALES BASARRATE, T., *Forum Coloniae Augustae Emeritae. "Templo de Diana"*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.
- JUAN TOVAR, L. C. (1992): «*Terra sigillata hispánica y africana tardía*». In CABALLERO ZOREDA, L. (ed.), *Arcóbriga - II Las cerámicas romanas*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 137-139.
- JUAN TOVAR, L. C. (1997): "Las industrias cerámicas hispanas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la *Sigillata* Hispánica Tardía". *Congreso Internacional La Hispania de Teodosio*, vol. 2, pp. 543-568.
- JUAN TOVAR, L. C. (2000): "La *terra sigillata* de Quintanilla de la Cueva". In GARCÍA GUINEA, M. A., *La villa romana de Quintanilla de la Cueva (Palencia), Memoria de las excavaciones 1970-1981*. Palencia: Diputación Provincial, pp. 45-123.
- LOPES, R. (2009): "*Terra sigillata* da necrópole romana do Largo das Freiras", *Congresso Transfronteiriço de Arqueologia*, in *Revista Aqvae Flaviae*, vol. 41, pp. 385-416.
- LÓPEZ PÉREZ, M. C. (2004): "El Comercio de *Terra Sigillata* en la Provincia de A Coruña". *Museo Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón. A Coruña. Brigantium*, vol. 16.
- LÓPEZ PÉREZ, M. C.; VILA, M. C.; GASCÓN, C. C. (2013): "Las Producciones de TSHT en el área Galaica: Difusión, Tipología e Decoración" in *EX OFFICINA HISPANA*, *Cadernos de la SECAH*, Vol. 1, pp. 125-138.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, J. (1985): *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad de Valladolid.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, J.; REGUERAS GRANDE, F. (1987): "Cerámicas tardorromanas de Villanueva de Azoague". *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 53, pp. 124-159.
- MAYET, F. (1983-1984): *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: E. de Boccard.
- MEZQUÍRIZ, M. (1961): *Terra Sigillata Hispánica*. Tomo I e II. The William I. Bryant Foundation. Valencia.
- MEZQUÍRIZ, M. (1985): "*Terra Sigillata Hispánica*". In *Atlante delle forme ceramiche. II. Cerámica Fina nel Bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Impero)*. Roma, pp. 97-174.
- MORAIS, R. (2005): "Produção e Comércio de Cerâmicas em *Bracara Augusta*". In C. Fernández Ochoa e P. García Díaz (eds.), *Unidad y diversidad en el Arco Atlántico en época romana. III coloquio Internacional de Arqueología en Gijón*. Gijón, pp. 125-138.
- MORAIS, R. (2010): "Estudio Preliminar de la *Terra Sigillata Hispánica Tardia de Bracara Augusta*", in *Congressus Vicesimvs Sextvs Rei Cretariae Romanae Favtorvm*, Acta 41, pp.437-461.
- MYLIUS, H. (1936). *Die romischen Heilthermen von Badenweiler*, bd.12, Berlin.
- PALOL, P.; CORTÉS, J. (1974): "La villa romana de La Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970". Madrid: Ministerio e Cultura (*Acta Arqueológica Hispánica*; 7).
- PAZ PERALTA, J. A. (1991): *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico.
- PAZ PERALTA, J. A. (2013): "La vajilla de cerámica hispánica tardía gris y naranja en Astvrica Augvsta (Astorga, León). conjunto C". In *Ex Officina Hispana*, *Cadernos de la SECAH*, vol.1, pp. 217-256.
- PAZ PERALTA J. A. 2008: "Las producciones de *terra sigillata* hispánica intermedia y tardía" in *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión en D. Bernal Casasola, A. Ribera i Lacomba (eds.), XXVI Rei Cretariae Romanae Fautores*, Cádiz, pp. 497-540.
- PEREIRA, V. (2006): *Terra Sigillata em três locais da Lusitânia: Ammaia, Idanha, Mileu*, *Dissertação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2006 para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia*.
- PICON, M. (1984): *Recherches sur les compositions des sigillés hispaniques. Techniques de Fabrication et Groupes de Production*. In MAYET, F. (1983-1984), *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: E. de Boccard. Apêndice I, pp. 303-329.
- QUARESMA, C. (1999): "*Terra Sigillata Africana, Hispânica, Foceense Tardia e cerâmica de cozinha de Miróbriga (Santiago do Cacém)*", *Conímbriga*. Coimbra. 38, pp. 137-200.
- ROCA, M.; FERNÁNDEZ, M. I. (coords.) (1999): *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones alto imperiales, Homenaje a M. Ángeles Mezquíriz*, Jaén e Málaga: Universidad de Jaén / Universidad de Málaga.
- SASTRE, J. C.; CATALÁN, R.; FUENTES, P. (no prelo): "El conjunto cerámico de El Castellón (Zamora) y las CIS en el contexto del Siglo V» I Congreso Internacional Da Secah – Ex Officina Hispana, As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispania.
- SILVA, A. P. (2007): "A *Terra Sigillata* Hispânica Tardia de Terronha de Pinhovel: O comércio e o Povoamento", *Cadernos Terras quentes*, 4 Associação terras quentes, Edições, pp. 5-50.
- SILVA, A. C. R.; PINTO, F.; QUINTINO, N.; TEIXEIRA, V. (2007): "Novos dados sobre o urbanismo e história da cidade de Chaves". *Revista da Faculdade de Letras, I Série*, V-VI, pp. 549-565.
- VIEGAS, C. (2002): "A *terra sigillata* da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio", Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*, nº 26.



EX OFFICINA
HISPANA

U. PORTO

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO